



MULHERES E REFORMA

Women and Reformation

Kirsi Stjerna*
Trad. Alex Blasi de Souza

Resumo: O artigo apresenta uma introdução o papel das mulheres no movimento da Reforma e sua teologia, destacando a maneira como expandiram seu papel de mãe e esposa, elevados pela Reforma, para denunciar situações de vulnerabilidade e injustiça, e acolher pessoas vivendo em tais circunstâncias com compaixão.

Palavras-chave: Reforma, mulheres reformadoras, mulheres

Abstract: The article presents an introduction to the role of women in the Reformation movement and their theology, highlighting the way in which the women expanded their role as mothers and wives, raised by the Reformation, to denounce situations of vulnerability and injustice, and welcome people in those situations with compassion ..

Keywords: Reformation, women reformers, women

Introdução

Muitos anos atrás, quando comecei a estudar teologia na Universidade de Helsinki, na Finlândia, participei de uma aula chamada "Introdução à Teologia Feminista". Era um curso noturno, ensinado por um grupo de mulheres ansiosas para compartilhar sua descoberta: "gênero importa" ou "a experiência das mulheres é importante". Aquela aula me apresentou, pela primeira vez, a evidência da exclusão das mulheres na história e na teologia cristã, e abriu meus olhos para uma nova abordagem crítica da tradição cristã. Tomei conhecimento da urgência da inclusão e abordagem das histórias, experiências, perspectivas e vozes das mulheres no centro da tradição cristã. Refleti com quem fazia minha orientação acadêmica sobre como eu poderia incluir as questões de gênero na pesquisa em Lutero que realizava para escrever a tese. O tempo não era o

* Dra. em Teologia. Pacific Lutheran Theological Seminary/Graduate Theological Union, Berkeley, EUA.
kstjerna@plts.edu

certo. Não tínhamos modelos ou métodos para tal tarefa. Não tínhamos nem certeza de como argumentar a relevância do estudo sobre mulheres e Lutero, ou mulheres no período de Lutero, ou uma análise feminista de Lutero.

Por esses motivos, fiz uma longa trajetória: mudei para os EUA para aprender sobre métodos e terminei minha tese sobre a teologia de uma escritora mística medieval, Brigitta da Suécia. Então voltei ao meu primeiro amor: Lutero e a Reforma, com questões feministas, e comecei a procurar informações sobre mulheres contemporâneas a ele. Eu queria saber: como as mulheres receberam a teologia da Reforma? Como elas praticaram e moldaram a espiritualidade da Reforma? O que elas fizeram, experimentaram, disseram e escreveram? Como as mulheres contribuíram para a Reforma? Onde elas estavam, nas margens ou no centro? O impacto da Reforma, em geral, foi positivo para as mulheres, ou o que mais precisa ser dito uma vez que convidamos as mulheres para a conversa?

A grande descoberta

Esta tem sido a grande e fascinante "descoberta": as mulheres têm sido *fundamentais* na vida da igreja e em fomentar diferentes ramos da fé cristã. Isto é verdade para todos os movimentos "protestantes" ou "evangélicos" do século XVI. Por exemplo, com o movimento luterano, desde os primeiros dias, as mulheres contribuíram com seus próprios *exemplos de confissão* e em suas *diversas vocações* e locais de atuação, e com *seus* próprios jeitos (os possíveis para elas). Elas não foram espectadoras; eles não estavam "apenas" nas margens.

Até tempos relativamente recentes, não sabíamos muito sobre as mulheres da Reforma; nem mesmo os *nomes* delas. Além disso, havia o equívoco de pensar que essas mulheres não são tão *importantes* de conhecer, ou então que reconhecer especificamente a experiência das mulheres no estudo da tradição da Reforma não importaria. Estas são algumas das razões para as lacunas no nosso conhecimento e para a lentidão do progresso na produção de novas pesquisas sobre as mulheres da Reforma.

De forma lenta, mas segura, no entanto, a evidência está aí para concluir que na Reforma e desde o século da Reforma, as mulheres definiram criativamente seu próprio lugar dentro da tradição e exerceram liderança. Isso é assim independentemente da forma como os registros centrados nos homens sugerem ou quando se olha como a vida das mulheres foi regrada por lei e cultura¹.

¹ Ver: STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009; BAINTON, Roland. *Women of the Reformation in Germany and Italy*. Minneapolis, Minn.: Augsburg Publishing House, 1971 (reimp. N.p.: Academic Renewal Press, 2001.); KING, Margaret; RABIL JR., Albert (Eds.). *The Other Voice in Early Modern Europe: The Chicago Series*. Chicago: University of Chicago Press, 1996-2010; incluindo KING, Margaret; RABIL JR., Albert (Eds.). *Teaching Other Voices – Women and Religion in Early Modern Europe*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

Sobre o contexto e mudanças no período de Reforma

É importante notar que as normas básicas para os papéis de gênero dificilmente mudaram como resultado das “reformas”. A maioria das mulheres carecia de educação além do básico – apesar de isso ser uma evolução em si: nossos antepassados luteranos iniciaram a educação pública para meninos e meninas e de todas as classes (em Genebra, homens e mulheres estavam sendo educados na "missão reformada")².

Os conventos que haviam fomentado a aprendizagem das mulheres agora estavam fechados, o que significava que, a menos que você fosse uma mulher nobre e rica, o caminho para o ensino superior (por meios próprios) também estava fechado. Com a perda dos conventos, as mulheres também perderam as opções vocacionais de uma freira ou de uma abadessa³.

Estas haviam sido alternativas importantes ao chamado doméstico. Além disso, com a perda da opção monástica, as mulheres perderam exemplos femininos e o incentivo à escrita das mulheres: as mulheres protestantes não deveriam aspirar a um chamado místico ou visionário, nos moldes de suas antepassadas medievais que haviam produzido volumes de textos. Teologia e ministério público – e falar em público – foram considerados prerrogativas masculinas. A instrução para mulheres foi desprezada e considerada uma perversão, uma forma de não castidade intelectual.

As mulheres deveriam se casar – tipicamente por arranjos familiares – e elas deveriam dar à luz novas pessoas protestantes, tantas quanto possível, e administrar seus lares com eficácia. O casamento e a maternidade foram glorificados, quase que exclusivamente. Ser uma mulher solteira não era considerado uma opção desejável ou razoável; além disso, se não fosse uma freira ou uma viúva (ou uma prostituta), uma mulher não teria meios para sobreviver.

As mulheres protestantes foram ensinadas a encontrar satisfação no santo chamado da maternidade. Eles deveriam apreciá-lo como tão nobre quanto o dos sacerdotes, dos bispos e dos apóstolos. Esta era uma boa notícia – dado que a maternidade, a sexualidade e qualquer coisa "corporal" (como o parto) haviam sido concebidas na Idade Média como algo "inferior", se não algo sujo. Na maternidade, e no casamento, as mulheres ganhavam certo tipo de igualdade. Eles tinham um chamado que foi reconhecido como santo e fundamental para a vida da igreja, tão importante como os diferentes chamados que os homens tinham, mas ao mesmo tempo, essa

² STJERNA, 2009, cap. 4.

³ Ver: WIESNER-HANKS, Merry; SKOCIR, Joan (Eds.). *Convents Confront the Reformation: Catholic and Protestant Nuns in Germany*. [Reformation Texts With Translation (1350-1650). Women of the Reformation]. Milwaukee, EUA: Marquette University Press, 1996. Ver também: STJERNA, 2009, cap. 2.

teologia da igualdade dos chamados sagrados não alterava as normas de gênero na igreja ou na sociedade⁴.

Uma coisa é ler em textos de autores masculinos sobre como as vidas das mulheres eram (ou deveriam ser) a partir da Reforma. Pode ser uma história diferente quando olhamos para as próprias mulheres: elas atuaram com e dentro das estruturas e das regras que faziam a sociedade funcionar. Ou seja, esperava-se que as mulheres permanecessem na *oikonomia*, enquanto os homens governavam a sociedade e as casas. Ao mesmo tempo, as mulheres romperam definitivamente muitas das "regras" e limites de gênero e elas mesmas o que a interpretação "protestante" do evangelho tinha de bom para elas no lugar onde estavam.

É bastante interessante que a própria vocação apresentada às mulheres pelos professores homens era a maternidade, e que este chamado mais nobre chamado (e mais controlado) para as mulheres tornou-se para as próprias mulheres a vocação para romper fronteiras e se apropriar de suas vidas. *As mulheres definiram para si os parâmetros da maternidade*. As mulheres protestantes, com ou sem filhos biológicos, assumiram papéis *como mães da igreja* e, assim, líderes da igreja de diversas maneiras. Neste papel particular, algumas mães surgiram como escritoras e líderes teológicas⁵.

Mulheres da Reforma

Lendo algumas dessas mulheres da Reforma em primeira mão, descobri como elas brilhavam. Descobri que *elas tinham sua própria interpretação da teologia da Reforma*, e elas tinham algumas prioridades a definir na expressão da "nova" teologia no cotidiano e em assuntos públicos. Elas tinham sua própria ênfase no modo de viver como cristãs à luz da "nova" interpretação do evangelho. Elas poderiam e iriam interpretá-lo também! Mesmo que não deveriam; essa tarefa era, para todos os fins, reservada aos pastores e professores universitários⁶.

Independentemente do que a igreja ou a sociedade esperavam – ou não esperavam – das mulheres, as mulheres da Reforma refletiam ativamente sobre a nova interpretação do evangelho e as novas visões para a vida cristã. Elas mesmas tiveram que fazer uma escolha pessoal sobre a nova teologia, o suficiente para se juntar ao novo movimento, muitas vezes sujeitas a alto risco. Como podemos aprender com as intrigantes histórias individuais, as mulheres que escolhiam uma fé diferente daquela do marido se colocam em uma situação perigosa. Muitas

⁴ STJERNA, 2009, cap. 2-3.

⁵ Conclusões nisso, ver: STJERNA, Kirsi. Reformation Revisited – Women's Voices in the Reformation. *The Ecumenical Review*, vol. 69, no. 2, p. 201-214, jul. 2017.

⁶ Sobre isso, ver: STJERNA, Kirsi. Women and Theological Writing during the Reformation. *Journal of Lutheran Ethics*, vol. 16, no. 3, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.elca.org/JLE/Articles/1145>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

vezes, a "saída do armário" como uma protestante acontecia ao escolher participar da forma luterana de culto e ao receber os dois elementos na Ceia do Senhor, o que significa que elas aceitavam tanto o pão quanto o vinho, quebrando assim a prática católica com o sacramento. Naquele tempo, isso era tão escandaloso como o casamento dos sacerdotes!

Havia certos elementos na argumentação da fé evangélica que atraíam fortemente as mulheres e havia pontos que elas consideravam importantes seguir – para pôr em prática. Podemos identificar princípios teológicos particulares que empoderaram e dirigiram as mulheres da Reforma e que lhes permitiram um local para trabalhar com e exercer sua voz.

1) O princípio da "**Somente a Escritura**" claramente foi um dos princípios que animou as mulheres e com o qual elas poderiam trabalhar. O princípio em si era empoderador e favorecia a inclusão (mesmo que autodefinida) das mulheres no sistema ainda dominado por homens, a igreja. As mulheres também podiam ler as Escrituras e interpretá-las a partir da sua experiência. Teoricamente, no recém-celebrado Sacerdócio de Todas as Pessoas Crentes, elas não precisavam de permissão de ninguém ou de credenciais acadêmicas para isso (nós podemos nos identificar, enquanto buscamos o empoderamento para nós mesmas como mulheres e homens cristãos hoje).

2) As mulheres claramente foram animadas pelas **preocupações com a justiça e a liberdade cristã**. Estas eram urgências que incendiavam as mulheres, mais do que muitos outros pontos doutrinários. As mulheres podiam entender os delicados debates doutrinários com os quais seus parceiros masculinos estavam envolvidos, mas para elas não se tratavam de urgências. Vida humana, integridade, tolerância, liberdade e justiça: estas eram preocupações muito mais importantes para as mulheres do que serem "corretas" em uma questão doutrinária (estas são também as nossas principais preocupações e merecem mais de nossa atenção).

3) As mulheres da Reforma apresentam um tipo particular de orientação teológica que é muito atraente hoje, especialmente à luz dos recentes atos de violência em todo o mundo: as mulheres protestantes do século XVI eram teólogas da **compaixão**. Elas agiram corajosamente e quebraram limites definidos para elas como mulheres quando discerniram que sua obrigação cristã exigia que elas agissem em favor de outras pessoas que estavam aflitas. Para elas, a compaixão era igual à identidade cristã, e vice-versa. Os atos compassivos e relacionados a outras pessoas incorporavam a teologia cristã (e, com certeza, isso não tinha a ver com mansidão!). Hoje, enquanto lidamos com formas horríveis de injustiça e violência, as mães da fé podem nos levar a redescobrir o que exatamente move nossa (respectiva) tradição(ões): é **uma teologia poderosa, bíblica, emancipadora de liberdade e compaixão no modelo das mães da**

Reforma? Se não, então, qual seria o sentido?⁷

Espero que essas poucas conclusões animem você a explorar as marcas das nossas mães de fé.

Nomeando e ouvindo as mães de fé

Para corrigir as histórias de nossas respectivas tradições e para transformar nossas tradições de fé, seguimos os passos de mulheres. Começamos por *dar nome* às nossas mulheres reformadoras. Nós não as chamamos de coadjuvantes, mas como centrais ao fazer da teologia, à condução da igreja, e à alimentação da espiritualidade. Nós honramos as mulheres, do passado e do presente, como mães de fé e teólogas, ao tecer *novos fios para novas narrativas* da história protestante ou da história especificamente luterana, que incluem as mulheres desde o início e que honram a experiência de fé e orientação teológica das mulheres.

Como teóloga luterana, considero tudo isso importante, não apenas para corrigir a "história" da Reforma, mas também para desenvolver todo o potencial da teologia luterana para o futuro. *Isso promete transformar e impulsionar a nossa tradição luterana para o futuro.* Com a inclusão explícita de mulheres não apenas como receptoras da fé e da teologia, mas como aquelas que lhe dão conteúdo e direção, a tradição luterana está sendo seriamente transformada. Eu acredito que o mesmo é verdade com todos os diferentes ramos que surgiram da árvore da Reforma que Lutero e seus pares plantaram.

Mulheres protestantes escreveram?

Em comparação com as mulheres medievais, parece que as mulheres da Reforma desapareceram de cena como escritoras. No entanto, cavando mais fundo e considerando diferentes gêneros, encontramos registros das próprias mulheres. Esses textos são preciosos e oferecem novas janelas à tradição teológica e às pesquisas. Os escritos incluíam principalmente cartas, guias ou manuais para seus filhos e filhas, canções ou hinos e poemas, interpretações bíblicas ou peças e diários autobiográficos. As cartas foram a ferramenta mais diversificada e segura, usadas para aconselhar, consolar, defender, ensinar, exortar, admoestar, gravar, recordar, interpretar as escrituras e mediar entre diferentes opiniões. Qualquer pessoa poderia escrever cartas, textos privados. Mesmo que tivessem as aparências de um texto privado, as cartas poderiam ser publicadas. Algumas cartas eram escritas para publicação. As cartas foram usadas politicamente, teologicamente, espiritualmente e pessoalmente. Eles ainda são um recurso inexplorado para o estudo das mulheres da Reforma⁸.

⁷ Ver: STJERNA, 2017.

⁸ STJERNA, 2016.

Excertos de histórias e amostras de algumas vozes

1. Uma senhora nobre bávara, **Argula von Grumbach**, foi uma das mais lidas mulheres da Reforma. Em certo ponto, suas cartas publicadas tiveram uma circulação de 30.000 exemplares! Seus textos foram publicados na mesma quantidade dos textos de Lutero e Melanchthon. Ela foi uma rara mulher que compareceu à famosa Dieta de Augsburg, onde a confissão luterana foi apresentada diante do imperador. No caminho, ela fez uma visita a Lutero que, como um homem exilado, não podia comparecer à dieta, mas que residia em um castelo próximo em Coburg.

Argula chegou à fama quando escreveu e publicou cartas contra o professorado exclusivamente masculino da universidade de Ingolstadt (Baviera, Alemanha). Ela o fez em defesa de um aluno que foi acusado de heresia luterana: eles encontraram os textos de Lutero em sua sacola, e ele foi levado ao tribunal. Outras cartas seguiram para homens no poder, mostrando um conhecimento impressionante da Bíblia e sua interpretação luterana.

Argula reivindicou seu direito de interpretar as Escrituras, e de determinar que Lutero não estava ensinando nada herético, muito pelo contrário. Ela provou seus pontos com citações bíblicas, aquelas eram suas "notas de rodapé". Ela se defendeu preventivamente para o leitor: ela não estava escrevendo nenhuma tagarelice, ela tinha lido todos os textos de Lutero escritos em alemão, ela os entendera e ela conhecia a "verdade". Eram palavras bastante ousadas para uma leiga! O que a empoderava era o seu status nobre como "von Stauff" e seu conhecimento bíblico, mas também a preocupação com a injustiça que ela testemunhava: ela considerou que era uma coisa não-cristã perseguir uma pessoa por razões religiosas, e especialmente uma criança. Ela argumentou com a Bíblia contra o uso da força e da violência em matéria de religião. Essas questões urgentes fizeram com que ela escrevesse.

Ela nunca recebeu uma resposta oficial da universidade. Nós sabemos de planos para machucá-la e silenciá-la, "a prostituta diabólica enrugada", como seus inimigos a difamavam. Eventualmente, ela desapareceu da cena. No entanto, ela tinha amigos poderosos no lado luterano: Martin Lutero era um grande fã de Argula e considerava Argula uma "valente defensora da fé". Se Argula tivesse sido um homem, todos a leríamos junto a Lutero e Melanchthon. Seus escritos estão disponíveis em alemão e em inglês, há uma biografia crítica sobre ela em ambos os idiomas⁹.

2. Uma "mãe de igreja" e uma governante nobre, **Elisabeth von Braunschweig** seguiu os passos de sua mãe escandinava: ela desobedeceu seu marido católico, recebeu os dois

⁹ STJERNA, 2009, cap. 6; MATHESON, Peter (Ed.). *Argula von Grumbach. A Woman's Voice in the Reformation*. Edinburgh: T&T Clark, 1995; MATHESON, Peter (Ed.). *Argula von Grumbach: Schriften (Quellen und Forschungen zur Reformationsgeschichte, vol. 83)*. Gebundene Ausgabe. 24. mai. 2010.



elementos na Comunhão, sabendo bem dos riscos, e foi exilada por isso. Esperava-se que voltasse à fé católica, mas ela resistiu. Somente após a morte do marido, ela voltou para casa, onde por um período ela governou por seu filho menor de idade, Eric. Ela aproveitou a oportunidade para usar os recursos da lei para implementar a fé luterana da confissão de Augsburg em seus territórios. Ela contratou um conselheiro luterano, Antonius Corvinus, e com ele forneceu uma Ordem da Igreja que estruturaria a implementação da fé luterana em diferentes locais. Ela escreveu a seus súditos como sua "mãe territorial" que cuidava de seu bem-estar, inclusive espiritual.

Elizabeth escreveu livros de conselhos para seus filhos, sobre casamento e sobre viuvez, e, para seu filho regente, ela criou um "espelho", um livro sobre como ser um governante cristão (luterano). Neste trabalho ela faz sua declaração mais profunda: as crianças devem obedecer a Deus, ao imperador e a sua mãe.

Ela investiu apaixonadamente na educação luterana de suas crianças. Ela teve alguns problemas com seu filho que, mesmo depois de ser instruído e examinado pelo próprio Lutero, flertou com a fé católica durante seus anos de rebelião adolescente. O fato de que sua filha mais nova estava casada com um homem católico lhe causava tremenda aflição. No entanto, ao final, ela obteve sucesso como uma mãe luterana em educar suas crianças e as pessoas sob os seus cuidados na fé luterana e por garantir que a fé luterana fora adotada oficialmente (mesmo que não sem dificuldade, com a intromissão dos lordes católicos vizinhos). É bastante surpreendente ler estudos da Reforma na Alemanha e não ver nenhuma evidência de Elizabeth. Novos livros didáticos estão sendo preparados que corrigem esse lapso¹⁰.

Uma mulher de poder e meios, bem instruída e envolvida diretamente na Reforma, ela envolveu-se nos assuntos de teologia e debate. Por exemplo, ela participou da controvérsia de Osiandria sobre a interpretação correta da justificação pela fé (uma das controvérsias que moldaram o Livro da Concórdia).

3. Uma esposa de reformador, **Elizabeth Cruziger**, Wittenberg, é uma mulher intrigante, de quem conhecemos pouco. Ela foi uma ex-freira da Polônia que, depois de ouvir os sermões de Johannes Bugenhagen, deixou sua ordem e se casou com Caspar Cruziger, um reformador. Amiga da família Lutero, ela também se tornou a sogra do filho Hans (filho de Katharina e Lutero). Como esposa de Cruziger, ela respondeu ao chamado de cuidado pastoral em sua cidade. Além disso, ela escreveu o primeiro hino luterano, "Herr Christ, der einig Gotts Sohn", "Senhor Cristo, o único filho de Deus". Até muito recentemente, a verdadeira identidade da autora "anônima" do hino estava perdida. No entanto, sua interpretação de um hino latino medieval, com a melodia de

¹⁰ STJERNA, 2009, cap. 7; STJERNA, Kirsi. Elisabeth, Duchess of Braunschweig-Lüneburg (1510–1558) and Reformer. *Lutheran Quarterly*, vol. 27, no. 2, p. 188-210, summer 2013.

uma canção secular, tornou-se um hino amado que as pessoas protestantes cantam desde então. O hino de Elizabeth forneceu uma interpretação musical da cristologia luterana e da teologia da salvação defendida por Lutero, e permitiu que as pessoas leigas cantassem sobre sua fé.

O hino explica poeticamente a salvação com as declarações doutrinárias centrais da igreja primitiva sobre as duas naturezas de Cristo. A glória é explicitamente dada a toda a Trindade que cuida das pessoas mortais, por causa de Cristo – este é o centro da mensagem do hino. A salvação é assegurada por causa de Jesus, por causa de quem é possível se erguer "na fé" e de forma "inabalável", com uma confiança imbatível no trabalho da Palavra de Deus que leva os vulneráveis seres humanos à eternidade. Este hino se tornou a maneira de Elizabeth falar como teóloga por gerações, leiga como era. Não é insignificante que as palavras de Elizabeth vieram a inspirar o grande compositor luterano Johann Sebastian Bach¹¹.

4. Sem dúvida, a mulher da Reforma mais famosa é **Katharina von Bora**. A ex-freira, de nascimento nobre, e a esposa de Lutero e administradora da casa da família Lutero ganhou o respeito infalível de seu marido e incorporou os valores da Reforma, moldando sua forma de liderar a partir de sua base doméstica. Ela encontrou felicidade e um chamado sendo esposa/parceira e mãe. Para ela isso constituía um chamado significativo e santo.

Ela não foi uma das mulheres escritoras, até porque estava ocupada demais para isso. Ademais, em suas próprias palavras (via Conversas à Mesa), ela preferiu "viver" a Bíblia a lê-la. Suas cartas para Lutero foram perdidas, enquanto algumas das cartas de Lutero para sua esposa sobreviveram, oferecendo pequenas visões sobre a personalidade desta mulher forte, imperturbável e talentosa e para a incomum igualdade de cônjuges na casa de Lutero. Oito cartas existentes (ditadas) de Katharina permanecem, todas elas pedindo apoio financeiro e proteção dos homens no poder para seus filhos. Ela sofreu um acidente saindo de Wittenberg que estava tomada por uma epidemia de peste. Ferida, morreu em Torgau, onde está enterrada.

Podemos interpretar sua fé e teologia através da vida e das palavras de Lutero, cujos escritos fizeram com que ela deixasse a segurança de seu convento e que a conduziram a um novo chamado como mãe e esposa. Sabemos pelos escritos de Lutero que Katharina influenciou sua teologia, seu pensamento sobre Deus e a graça, a vida e a morte, a sexualidade e o amor. Lutero admitiu que se entregou completamente à sua esposa: o Espírito Santo era a força central na vida de Lutero, mas ao lado dele estava a "parceira das calamidades" de Lutero, sua "querida", "doutora Katharina".

De muitas maneiras, Katharina viveu verdadeiramente o que Lutero ensinava e pregava. Ela era a encarnação da teologia luterana e uma pioneira na criação de berços espirituais em

¹¹ HAEMIG, Mary Jane. Elisabeth Cruciger (1500?-1535): The Case of the Disappearing Hymn Writer. *The Sixteenth Century Journal*, vol. 32, no. 1, p. 21-44, spring 2001.



casa e no meio da vida familiar. Ela é uma mãe espiritual na tradição luterana, ela é a matriarca da tradição luterana. É claro que sua vocação não é o chamado de todas as mulheres. Hoje, podemos reconhecer isso de forma mais clara, já que as mulheres não precisam casar e ser mães para ter um propósito, um chamado ou um meio de subsistência. Mas olhando para a força com que ela em seu tempo e lugar abraçou o novo papel e foi pioneira no estabelecimento de uma tradição luterana de casas pastorais – e espiritualidade doméstica – ela merece nossa atenção. A atenção a ela também é uma maneira de honrar as muitas mulheres que seguiram seus passos e moldaram a vida de muitas pessoas dessa maneira, como mães da igreja¹².

5. Uma autora e esposa de pastor em Strasburg, **Katharine Schütz Zell**, foi uma das mulheres com textos mais publicados de seu tempo, ao lado de Argula. Ela ganhou fama quando escreveu pela primeira vez uma carta vigorosa em defesa do casamento do clero e seu próprio casamento e, em geral, uma interpretação da bondade do casamento. Ela também escreveu cartas de consolo, por exemplo, para mulheres cujos maridos estavam em guerra, e para vítimas de lepra. Ela ofereceu sua interpretação dos Salmos de consolo, com isso mostrando sua perspicácia como teóloga.

Com seu conhecimento profundo da Bíblia e com sua discussão contínua com os reformadores da época – através de cartas e na mesa de jantar, onde ela tinha um fluxo constante de convidados muito impressionantes – ela argumentou em favor da tolerância e do respeito mútuo entre diferentes grupos confessionais. Ela defendeu a compaixão e o amor cristãos. Ela acreditava que o amor deve superar as diferenças doutrinárias. Ela também acreditava que todas as pessoas eram chamadas a proclamar o evangelho, e que não havia maneira melhor para isso do que cantar. Assim, ela editou um hinário com hinos que ressoaram as experiências de homens e mulheres e, assim, convidou a todas as pessoas cristãs a proclamar o evangelho através do canto.

Ela via seu chamado como "mãe da igreja", um título que ela deu a si mesma, e um chamado que ela sentiu já enquanto criança. Casar-se com um pastor luterano foi uma boa oportunidade para ela realizar seu sonho. Ela foi mãe de dois filhos, mas os perdeu dois no início da infância. O povo da cidade de Strasburg eram seus filhos e filhas.

Como esposa de um pastor, ela assumiu um papel igualitário de líder na comunidade de fé e se estabeleceu como a liderança em caridade e cuidado pastoral, com hospitais e prisões. Ela teve grandes planos e visões sobre como melhorar a prática de ministério em sua cidade. Nem todos apreciaram sua liderança. Especialmente os líderes da geração mais jovem entraram em confronto com ela. No entanto, no final de sua vida, Katharina se tornou ainda mais ousada: até mesmo pregando em funerais, inclusive o de seu marido, e publicou o sermão fúnebre para as

¹² Ver: TREU, Martin. *Katherine von Bora, Luther's Wife*. Drei Kastenien, 2003; STJERNA, 2009, cap. 5.

gerações posteriores lerem. De todas as mulheres da Reforma, ela tinha o sentido mais multidimensional de sua vocação como mãe de igreja e ela escreveu os textos mais diversos. Ela também, ao contrário de outras, expandiu suas atividades, incluindo o púlpito e os rituais preservados aos pastores. Ela quebrou muitas regras, e fez isso como cristã confessa, cujo dever era proclamar o evangelho, falar com a verdade e agir com compaixão e amor cristão¹³.

5. Uma calvinista excepcionalmente instruída da Itália, **Olimpia Morata** escreveu à suas irmãs sobre a importância da educação (religiosa) e à dama católica Anna de Guise, na França, sobre a responsabilidade do governante assumir riscos na defesa das pessoas perseguidas por sua fé. Em suas cartas, ela promoveu as traduções das obras de Lutero, especialmente o Catecismo, em italiano¹⁴.

6. Uma ex-freira casada e historiadora de Genebra, **Marie Dentière**, é uma mulher que definitivamente podemos identificar como “feminista”. Ela escreveu uma carta à rainha Marguerite de Navarra, que incluía uma explosiva “defesa das mulheres” e seus direitos na igreja. Curiosamente, essa peça foi “esquecida” ao longo dos séculos, até a descoberta relativamente recente do texto e de sua autora. Ela também registrou, anonimamente, os eventos da Reforma em Genebra sob a liderança de Calvino. Ela apoiava o trabalho de Calvino, sem receber gratidão do homem. Ela tinha uma paixão especial em converter as freiras restantes na cidade, considerando o casamento o chamado mais satisfatório para as mulheres – algumas das freiras discordavam veementemente! Ela conhecia a Bíblia e, em sua interpretação, revela a profundidade de seu conhecimento e a maturidade de sua reflexão teológica. Ela foi inflamada pela preocupação com a verdade e a defesa do evangelho – e exigiu os direitos iguais das mulheres na igreja em relação ao evangelho e à verdade¹⁵.

Conclusões

As mulheres protestantes ampliaram o chamado doméstico projetado para as mulheres como mães para incluir o cuidado da Palavra e do mundo com a Palavra. Muitas vezes compelidas por uma situação específica e guiadas por seu amor e conhecimento das escrituras, as mulheres protestantes foram fortalecidas por seu senso de dever cristão em relação ao evangelho. Algumas delas despontaram como teólogas e conhecedoras dos princípios teológicos

¹³ MCKEE, Elsie (Ed.). *Katharina Schütz Zell. The Life and Thought of a Sixteenth-Century Reformer*. Leiden, Boston, Koln: Brill, 1999; MCKEE, Elsie. *Katharina Schütz Zell. Church Mother. The Writings of a Protestant Reformer in Sixteenth-Century Germany*, transl. by Elsie McKee, Chicago and London: The University of Chicago Press, 2006. Ver também: STJERNA, 2009, cap. 8.

¹⁴ PARKER, Holt N. (Ed.). *Olympia Morata. The Complete Writings of an Italian Heretic*. Chicago: University of Chicago Press, 2003; STJERNA, 2009, cap. 12.

¹⁵ Ver: MCKINLEY, Mary. *Epistle to Marguerite de Navarre*. Chicago: University of Chicago Press, 2004; STJERNA, 2009, cap. 9.



protestantes. Sua teologia nem sempre foi escrita – como com Katharina von Bora – mas era real e vivida no cotidiano.

Referências

BAINTON, Roland. *Women of the Reformation in Germany and Italy*. Minneapolis, Minn.: Augsburg Publishing House, 1971 (reimp. N.p.: Academic Renewal Press, 2001.).

HAEMIG, Mary Jane. Elisabeth Cruciger (1500?-1535): The Case of the Disappearing Hymn Writer. *The Sixteenth Century Journal*, vol. 32, no. 1, p. 21-44, spring 2001.

KING, Margaret; RABIL JR., Albert (Eds.). *The Other Voice in Early Modern Europe: The Chicago Series*. Chicago: University of Chicago Press, 1996-2010.

_____; _____ (Eds.). *Teaching Other Voices – Women and Religion in Early Modern Europe*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

MATHESON, Peter (Ed.). *Argula von Grumbach. A Woman's Voice in the Reformation*. Edinburgh: T&T Clark, 1995.

_____. (Ed.). *Argula von Grumbach: Schriften (Quellen und Forschungen zur Reformationsgeschichte, vol. 83)*. Gebundene Ausgabe. 24. mai. 2010.

MCKEE, Elsie (Ed.). *Katharina Schütz Zell. The Life and Thought of a Sixteenth-Century Reformer*. Leiden, Boston, Koln: Brill, 1999.

_____. *Katharina Schütz Zell. Church Mother. The Writings of a Protestant Reformer in Sixteenth-Century Germany*, transl. by Elsie McKee, Chicago and London: The University of Chicago Press, 2006.

MCKINLEY, Mary. *Epistle to Marguerite de Navarre*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

PARKER, Holt N. (Ed.). *Olympia Morata. The Complete Writings of an Italian Heretic*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.

_____. Elisabeth, Duchess of Braunschweig-Lüneburg (1510–1558) and Reformer. *Lutheran Quarterly*, vol. 27, no. 2, p. 188-210, summer 2013.

_____. Women and Theological Writing during the Reformation. *Journal of Lutheran Ethics*, vol. 16, no. 3, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.elca.org/JLE/Articles/1145>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

_____. Reformation Revisited – Women's Voices in the Reformation. *The Ecumenical Review*, vol. 69, no. 2, p. 201-214, jul. 2017.

TREU, Martin. *Katherine von Bora, Luther's Wife. Drei Kastenien*, 2003.



WIESNER-HANKS, Merry; SKOCIR, Joan (Eds.). *Convents Confront the Reformation: Catholic and Protestant Nuns in Germany. [Reformation Texts With Translation (1350-1650). Women of the Reformation]*. Milwaukee, EUA: Marquette University Press, 1996.